

A RELAÇÃO DIDÁTICA-METODOLÓGICA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE PRÁTICAS POLÍTICAS SOCIAIS: UMA APROXIMAÇÃO COM ORGANIZAÇÕES DE MASSAS

André Henrique Boazejewski Pereira ¹

Matheus Beraldo Dias ²

Desiré Luciane Dominschek ³

RESUMO

A formação política das classes trabalhadoras exige processos educativos que ultrapassem a espontaneidade das lutas imediatas, possibilitando a apropriação consciente dos fundamentos teóricos e históricos da prática social. Nesse sentido, a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), fundamentada no materialismo histórico-dialético, oferece uma perspectiva didático-metodológica capaz de articular educação, consciência crítica e transformação social. Ao compreender a educação como mediação da prática social global, a PHC permite analisar as organizações de massa como espaços privilegiados de aprendizagem de práticas políticas e sociais. Assim, este estudo tem como objetivo analisar a relação didático-metodológica da Pedagogia Histórico-Crítica com o processo formativo desenvolvido no interior das organizações de massa, tomando como referência seus cinco momentos metodológicos. A pesquisa possui caráter qualitativo, de natureza bibliográfica e exploratória (Severino, 2016), fundamentando-se nas contribuições de Saviani (2016, 2024, 2025), Lênin (2020) e Krupskaja (2024). Nesse sentido, a prática social como ponto de partida corresponde à experiência concreta das massas em sua vivência na esfera sociocultural e no seu processo histórico de formação humana. A problematização expõe as contradições dessas práticas e explora suas possíveis raízes. A instrumentalização constitui o momento central da apropriação dos conhecimentos teóricos e políticos sistematizados. A catarse expressa o salto qualitativo da consciência, quando os sujeitos passam a compreender o funcionamento dessas contradições através do conhecimento organizado crítica e intencionalmente, reorganizando sua visão de mundo. Por fim, a prática social como ponto de chegada pode materializar-se na ação política organizada, agora orientada por uma práxis coletiva da realidade. Conclui-se que a aplicação consciente da articulação entre PHC e organizações de massa pode servir de instrumento fundamental na formação política e educativa

Palavras-chave: Pedagogia Histórico-Crítica, Unidade Popular, Organização de Massas, Educação.

1 INTRODUÇÃO

A formação política das classes trabalhadoras tem sido, historicamente, atravessada por uma tensão fundamental entre a experiência imediata das lutas sociais e a necessidade de

¹ Mestrando em Formação Científica, Educacional e Tecnológica (PPGFCET- CT) pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, boazejewskia@gmail.com;

² Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, matheusberaldodias@gmail.com;

³ Pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Professora do Centro Universitário Internacional UNINTER, desire.d@uninter.com.



sua elaboração teórica. Se, por um lado, a inserção dos sujeitos nas contradições concretas da realidade constitui condição indispensável para o desenvolvimento da consciência, por outro, essa experiência, tomada isoladamente, tende a permanecer no nível da imediatividade, limitando-se à apreensão fragmentada dos fenômenos sociais. Nesse contexto, coloca-se o problema da mediação entre prática e teoria como elemento central dos processos formativos que se desenvolvem no interior das organizações de massa.

A tradição marxista, especialmente a partir de Vladimir Lenin (2020) e Nadezhda Krupskaja (2024), já indicava que a formação política não se realiza de maneira espontânea, exigindo formas organizadas de intervenção que articulem a experiência vivida às elaborações teóricas mais amplas. No entanto, tais processos, ainda que presentes nas práticas de agitação e propaganda, tendem a ocorrer de maneira fragmentada, dependentes das condições concretas de cada contexto, o que coloca limites à sua sistematização enquanto processo educativo.

É nesse horizonte que se insere a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), formulada por Dermeval Saviani, ao compreender a educação como mediação no interior da prática social global e afirmar a centralidade do ensino na formação humana. Ao propor uma organização didático-metodológica fundada na articulação entre prática social, problematização, instrumentalização, catarse e retorno à prática, a PHC oferece um referencial capaz de explicitar e sistematizar processos formativos que, nas organizações de massa, já se manifestam de forma dispersa.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar a relação didático-metodológica da Pedagogia Histórico-Crítica com o processo de aprendizagem de práticas políticas e sociais no interior das organizações de massa, tomando como referência seus cinco momentos metodológicos. Parte-se da hipótese de que a PHC não se configura como um modelo a ser aplicado externamente a essas organizações, mas como uma chave teórica capaz de organizar e potencializar dinâmicas formativas já existentes, contribuindo para a superação dos limites da consciência imediata.

A pesquisa possui caráter qualitativo, de natureza bibliográfica e exploratória (Severino, 2016), fundamentando-se nas contribuições de Saviani (2016, 2024, 2025), Lenin (2020) e Krupskaja (2024). Como se demonstrará ao longo do texto, a articulação entre os cinco momentos da PHC e as práticas formativas presentes nas organizações de massa permite evidenciar não apenas a existência de uma estrutura pedagógica implícita nesses espaços, mas também a necessidade de sua organização consciente, de modo a ampliar a capacidade de compreensão e intervenção dos sujeitos na realidade social.



2. ORGANIZAÇÃO DE MASSAS E ORGANIZAÇÃO DE VANGUARDA

O papel das organizações de massas no desenvolvimento da consciência de seus membros não pode ser compreendido de forma abstrata, mas deve ser situado no interior das relações sociais concretas que as constituem. Tais organizações emergem como formas históricas determinadas da luta de classes, sendo simultaneamente condicionadas pelas relações sociais existentes e atuando sobre elas. Sua organização interna, portanto, não se configura de maneira arbitrária, mas responde às necessidades objetivas de seu tempo histórico, expressando, em sua estrutura e dinâmica, as contradições próprias da realidade social em que se inserem. Nesse sentido, a formação da consciência no interior dessas organizações não se reduz a um processo subjetivo, mas se realiza a partir da inserção dos sujeitos em práticas sociais concretas, nas quais experiência, organização e ação política se articulam de maneira indissociável.

Em *O que fazer?*, Lenin (2020) estabelece uma distinção fundamental que orienta a compreensão das formas organizativas do movimento operário. Para o autor, é necessário diferenciar a organização profissional de revolucionários — restrita, disciplinada e, em determinadas condições, clandestina, composta por militantes cuja atividade central é a própria prática revolucionária — das organizações amplas de trabalhadores, cujo ingresso é mais acessível e cuja função consiste em incorporar o conjunto das massas ao processo político (Lênin, 2020, p. 127).

Essa distinção não implica uma hierarquia de valor, mas expressa uma divisão de funções no interior da luta de classes. Enquanto a organização de vanguarda assegura a direção política e se dedica sistematicamente ao desenvolvimento teórico, estratégico e organizacional da revolução, as organizações de massa configuram-se como o espaço inicial de inserção dos trabalhadores na prática política, reunindo sujeitos marcados por diferentes experiências sociais e distintos níveis de consciência. É nesse interior heterogêneo que se desenvolvem os primeiros movimentos de mobilização e formação, na medida em que a participação nas atividades coletivas possibilita a ampliação da experiência imediata e a abertura para formas mais elaboradas de compreensão da realidade social.

A organização de operários deve ser, em primeiro lugar, sindical; em segundo lugar, deve ser o mais ampla possível; em terceiro lugar, deve ser o menos clandestina possível [...]. Pelo contrário, a organização de revolucionários deve englobar, antes de tudo e sobretudo, pessoas cuja profissão seja a atividade revolucionária [...]. Necessariamente, essa organização não deve ser muito extensa, e é preciso que seja o mais clandestina possível. (Lênin, 2020, p. 127-128)



Um elemento central na caracterização das organizações de massa e de seu papel formativo reside em sua relação com a consciência de classe. Conforme assinala Vladimir Lenin, a classe trabalhadora, a partir de sua experiência imediata nas relações de produção, tende a desenvolver uma consciência de caráter trade-unionista, voltada à negociação das condições de exploração, sem alcançar, contudo, a compreensão das determinações estruturais do modo de produção capitalista. A consciência socialista, por sua vez, não emerge espontaneamente dessa experiência, exigindo ser introduzida no movimento de massas a partir de uma elaboração teórica e histórica que ultrapassa os limites do cotidiano imediato (Lênin, 2020, p. 47).

É precisamente nesse ponto que se explicita a função formativa das organizações de massa. Elas constituem o espaço no qual a experiência concreta dos trabalhadores, ainda marcada pela imediatez, entra em contato com práticas políticas organizadas, possibilitando um primeiro movimento de superação de seus limites. Ao participarem de decisões coletivas, mobilizações e processos organizativos, os sujeitos ampliam sua compreensão da realidade social, criando as condições para o desenvolvimento de uma consciência que transcenda o economicismo (Lênin, 2020, p. 140). Ao mesmo tempo, esse processo permite identificar e formar aqueles que poderão atuar de maneira mais sistemática na organização de vanguarda, evidenciando que a formação política não se dá de modo espontâneo, mas exige mediações que articulem experiência, organização e elaboração teórica.

2.1. Agitação e Propaganda

O ingresso de um sujeito em uma organização de massas constitui um momento decisivo em seu processo de formação política, na medida em que ele passa a integrar práticas coletivas organizadas, carregando consigo uma experiência previamente constituída nas contradições concretas de sua existência. Trata-se da passagem de uma vivência fragmentada e individual da realidade para uma inserção em práticas sociais mediadas pela ação coletiva.

Os primeiros momentos nesse processo são, frequentemente, o contato inicial com formas organizadas de intervenção política: participação em distribuição de materiais, mobilização de companheiros de trabalho ou de bairro, reuniões de planejamento e outras atividades. Ainda que não se apresentem como práticas pedagógicas formais, tais experiências



possuem um forte caráter educativo, pois inserem os sujeitos em dinâmicas coletivas que ampliam sua compreensão imediata da realidade social.

No entanto, para o leninismo, essas práticas não podem se esgotar na imediatividade da ação. É necessário que sejam articuladas a um processo consciente de associação entre teoria e prática. Nesse sentido, os dirigentes que atuam nas organizações de massa devem utilizar os momentos de agitação política como oportunidades de esclarecimento, buscando explicitar o funcionamento do modo de produção capitalista a partir das contradições concretas vivenciadas pelos trabalhadores (Krupskaia, 2024, p. 208). Trata-se de identificar, em cada situação particular, a contradição central que permite compreender a realidade mais ampla, articulando o local ao geral (Krupskaia, 2024, p. 212).

Contudo, a agitação, por si só, não é suficiente para assegurar uma formação política aprofundada. É necessário que ela seja complementada pela propaganda, entendida como o momento de sistematização teórica do conhecimento marxista. Conforme destaca Nadezhda Krupskaya, esse processo exige não apenas domínio do conteúdo e preparo prévio, mas a capacidade de relacionar a teoria com a realidade concreta, transformando-a em guia para a ação e estabelecendo uma relação de compreensão mútua com os sujeitos envolvidos (Krupskaia, 2024).

Vale também destacar o cuidado de Lênin na escolha de suas palavras, evitando o pedantismo:

Falava com os operários, os camponeses pobres e médios e os soldados vermelhos de forma simples, como camarada, como iguais. Eles não eram para Lênin “objetos de propaganda”, mas pessoas vivas que tinham sofrido e pensado muito, que exigiam atenção para as suas necessidades. (Krupskaia, 2024, p. 205)

Desse modo, a articulação entre agitação e propaganda configura um processo formativo que, embora não sistematizado nos moldes escolares, revela uma estrutura pedagógica implícita, na qual a experiência prática é progressivamente mediada por elementos teóricos. Entretanto, essa mediação, ainda que fundamental, ocorre de maneira fragmentada e dependente das condições concretas de cada intervenção, evidenciando os limites de um processo formativo que, embora real, carece de uma organização didático-metodológica mais sistemática e consciente.

É precisamente diante desse limite, isto é, da necessidade de organizar de forma sistemática a relação entre prática social, mediação teórica e formação da consciência, que se coloca a contribuição da Pedagogia Histórico-Crítica.



3. A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: FUNDAMENTOS E PRESSUPOSTOS

A Pedagogia Histórico-Crítica, formulada por Dermeval Saviani, fundamenta-se no materialismo histórico-dialético e compreende a educação como mediação no interior da prática social global. Nessa perspectiva, o trabalho educativo consiste na produção, em cada indivíduo singular, da humanidade historicamente construída, o que implica a apropriação consciente dos conhecimentos sistematizados acumulados ao longo do desenvolvimento histórico da humanidade (Saviani, 2025).

Diferentemente de concepções pedagógicas que tomam a experiência imediata ou os interesses espontâneos como fundamento do processo educativo, a PHC afirma a centralidade do ensino como mediação intencional, orientada pela transmissão e assimilação dos conteúdos científicos, filosóficos e artísticos considerados essenciais (Saviani, 2024). O conhecimento sistematizado, nesse sentido, não é acessório, mas condição para a superação da compreensão imediata da realidade, permitindo aos sujeitos apreenderem suas determinações históricas e sociais para além da aparência dos fenômenos.

Tal concepção articula, de forma indissociável, dimensões epistemológicas, didático-metodológicas e político-pedagógicas.

No plano epistemológico, fundamenta-se na concepção dialética do conhecimento, compreendendo o processo educativo como o movimento que vai da síntese — uma apreensão ainda caótica da realidade — à síntese — uma compreensão mais elaborada e concreta — mediado pela análise. No plano didático, essa dinâmica se materializa na organização intencional do ensino por meio dos cinco momentos da PHC — prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final — que estruturam a mediação pedagógica a partir da prática social e retornam a ela em um nível qualitativamente superior. Já no plano político-pedagógico, afirma-se a necessidade da direção consciente do processo educativo, na medida em que a apropriação do conhecimento sistematizado não se dá espontaneamente, exigindo a intervenção do professor na organização dos conteúdos, dos tempos e dos procedimentos de ensino.

Assim, a Pedagogia Histórico-Crítica estrutura-se como uma teoria pedagógica que vincula, de forma orgânica, ensino, conhecimento e prática social, orientando a formação de sujeitos capazes de compreender a realidade em sua totalidade e de nela intervir de maneira consciente e transformadora.



4. AS ORGANIZAÇÕES DE MASSA E OS MOMENTOS DIDÁTICOS METODOLÓGICOS DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

4.1 Prática Social como ponto de Partida

A prática social como ponto de partida, na PHC corresponde ao nível inicial em que os sujeitos se inserem na realidade, marcada por uma compreensão ainda sincrética e imediata das determinações sociais (Saviani, 2024, p. 56). Essa realidade deve ser tomada como base do trabalho educativo não para ser confirmada, mas para ser organizada pedagogicamente e superada por meio da mediação do conhecimento sistematizado.

Essa formulação encontra correspondência na análise das organizações de massa desenvolvida por Lenin (2020), na medida em que o sujeito que ingressa na luta social o faz portando uma síntese inicial de compreensão da realidade, forjada nas condições materiais e sociais de sua existência. Trata-se de uma consciência ainda marcada pela imediaticidade, que se expressa nas práticas, falas e formas de participação no interior da organização.

Nesse sentido, a formação política exige que os militantes apreendam essa síntese não apenas no plano das opiniões imediatas, mas na totalidade das relações que constituem o sujeito, criando condições para que essa experiência seja progressivamente mediada. Tal compreensão aproxima-se das reflexões de Saviani sobre a Educação do Campo, na medida em que, em ambos os casos, a prática social concreta — seja no território, seja na organização política — constitui o ponto de partida, mas exige organização pedagógica intencional para sua superação (Saviani, 2016)

4.2 Problematização

A problematização corresponde ao momento em que a prática social inicial é interrogada em suas contradições, superando o nível da compreensão sincrética e imediata. Trata-se de explicitar os problemas objetivos da realidade, evidenciando suas determinações históricas e sociais e criando a necessidade da apropriação do conhecimento sistematizado como mediação para sua compreensão (Saviani, 2024 p. 57).

No contexto das organizações de massa, esse movimento se expressa quando a experiência vivida pelos militantes deixa de ser apenas vivenciada e passa a ser questionada em suas contradições. Implica tensionar a consciência imediata — ainda marcada pelo



economicismo —, revelando os limites das demandas isoladas e sua inserção em uma totalidade social mais ampla (Lenin, 2020).

Nesse sentido, a problematização assume formas distintas, ainda que articuladas, nas práticas de agitação e de propaganda. Na agitação, consiste em estabelecer mediações entre a ação política imediata e as contradições concretas vividas pelos sujeitos, como ao relacionar uma luta por tarifa zero com a jornada tripla feminina ou uma greve de determinada categoria com as condições de trabalho de outros setores. Já na propaganda, a problematização orienta a seleção e o aprofundamento dos conteúdos teóricos, articulando, por exemplo, o estudo da crítica marxista à economia política com a compreensão da origem do desemprego e das limitações no desenvolvimento tecnológico.

4.3 Instrumentalização

Já a instrumentalização refere-se ao momento em que os sujeitos se apropriam dos conhecimentos sistematizados necessários à compreensão das contradições explicitadas na problematização. Em outras palavras, é a mediação central do processo educativo, na qual se organizam intencionalmente os conteúdos científicos, filosóficos e artísticos que permitem aos sujeitos ultrapassar o nível da experiência imediata (Saviani, 2024, p. 57).

Esse momento envolvendo as organizações de massa se expressa na necessidade de fornecer aos militantes os instrumentos teóricos que possibilitem compreender e intervir de forma mais elaborada na realidade social.

Nesse sentido, dificuldades na análise da realidade ou na aplicação de conceitos indicam, muitas vezes, uma instrumentalização incompleta, que não permite o avanço do processo formativo. Torna-se, portanto, necessário organizar diferentes estratégias de formação que possibilitem a apropriação efetiva desses conteúdos, como cursos, debates, leituras orientadas, cinedebates, produção de materiais e outras práticas que se desenvolvem conforme as condições materiais de cada organização.



4.4 Catarse

A catarse marca o momento em que o conhecimento deixa de operar como conteúdo externo e passa a reconfigurar a própria forma de apreensão da realidade. Indica assim um salto qualitativo no qual o sujeito ultrapassa a percepção fragmentada e imediata, passando a compreender os fenômenos em sua totalidade, à luz de suas determinações históricas e sociais (Saviani, 2024, p. 57).

Destarte, tal concepção encontra paralelo no que Nadezhda Krupskaya (2024) denomina de “esclarecimento”: não como simples ampliação de informações, mas como uma inflexão na forma pela qual o sujeito apreende a realidade. Ao incorporar instrumentos teóricos, o militante deixa de perceber os problemas como ocorrências isoladas e passa a situá-los em uma trama mais ampla de determinações. O que se altera, portanto, não é apenas o conteúdo do que se sabe, mas a própria lógica de compreensão, que deixa de operar por fragmentos e passa a estabelecer nexos entre os fenômenos, reconfigurando a leitura da realidade em sua totalidade.

Essa transformação tem implicações diretas na prática política. Ao compreender a lógica que estrutura as contradições sociais, o militante amplia sua autonomia de análise e sua capacidade de intervenção, deixando de reagir apenas às demandas imediatas e passando a atuar de forma mais consciente e estratégica. Nesse sentido, a catarse não se esgota no plano da consciência, mas se expressa na requalificação da práxis cotidiana.

4.5 Prática Social como ponto de Chegada

Tal momento expressa o retorno à realidade em um novo patamar, no qual a ação dos sujeitos passa a ser orientada pela compreensão teórica previamente apropriada (Saviani, 2024, p. 58). Nesse raciocínio, não representa um encerramento, mas a síntese de um processo no qual o conhecimento se converte em princípio orientador da práxis.

No interior das organizações de massa, esse movimento se materializa de maneiras distintas, conforme o nível de elaboração alcançado. No âmbito da agitação, ele se traduz na realização de ações políticas imediatas agora conduzidas de forma mais consciente, articulando demandas concretas a uma leitura mais ampla da realidade. Já no plano da propaganda, os efeitos se aprofundam: não apenas se qualifica a ação, mas se amplia a capacidade de análise, permitindo ao militante situar suas intervenções em contextos mais complexos e tomar decisões mais consequentes.



É nesse deslocamento que se evidencia a passagem para níveis mais avançados de atuação política. A formação teórica acumulada deixa de apenas orientar ações pontuais e passa a constituir a base para a consolidação de novos quadros, capazes de assumir funções mais orgânicas no interior da organização. Se o ponto de chegada da agitação é a ação concreta consciente, o ponto final da propaganda é a formação de novos revolucionários profissionais e o fortalecimento dos quadros do destacamento de vanguarda.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permite afirmar que os processos formativos que se dão no interior das organizações de massa não podem ser compreendidos como espontâneos ou meramente decorrentes da experiência prática, ainda que nela se enraízem. Conforme evidenciado a partir da leitura de Lênin (2020) e Krupskaja (2024), tais processos já comportam formas de mediação entre prática e teoria, especialmente por meio da articulação entre agitação e propaganda. No entanto, essas mediações, embora reais e fundamentais, apresentam-se de maneira fragmentada e dependente das condições concretas de cada intervenção, o que limita seu potencial formativo.

É precisamente nesse ponto que a Pedagogia Histórico-Crítica revela sua potência teórico-metodológica. Ao sistematizar, por meio de seus cinco momentos, o movimento que articula prática social, problematização, instrumentalização, catarse e retorno à prática, a PHC oferece um referencial capaz de organizar de forma consciente e intencional processos que, nas organizações de massa, já ocorrem de maneira dispersa. Não se trata, portanto, de transpor mecanicamente um modelo pedagógico escolar para o campo da organização política, mas de reconhecer, nesse referencial, uma forma de explicitação e potencialização de dinâmicas formativas já existentes.

Essa possibilidade encontra respaldo em experiências já analisadas no campo educacional, como aquelas discutidas por Dermeval Saviani (2016) no âmbito da Educação do Campo, nas quais a Pedagogia Histórico-Crítica é mobilizada em estreita relação com práticas sociais concretas e com sujeitos coletivos organizados. Ainda que situadas em um contexto específico e atravessadas por determinações institucionais próprias, tais experiências indicam que a articulação entre formação sistematizada e prática social organizada não apenas é possível, como já se realiza, ainda que de forma tensionada, no interior de processos históricos concretos.



Nesse sentido, a aproximação estabelecida neste trabalho permite compreender que a formação política das massas exige não apenas inserção na prática social, mas sua organização pedagógica, de modo a possibilitar a superação da consciência imediata em direção a uma compreensão mais elaborada da realidade. Tal movimento implica reconhecer a centralidade da mediação teórica e do ensino — ainda que em formas não escolares — como condição para a elevação da capacidade de análise e intervenção dos sujeitos.

Por fim, ao indicar essa articulação entre Pedagogia Histórico-Crítica e organizações de massa, o estudo não pretende esgotar a questão, mas evidenciar um campo de possibilidades que demanda investigação mais aprofundada e experimentação concreta. Se, por um lado, já se vislumbram indícios históricos dessa aproximação, por outro, sua realização em maior escala depende do desenvolvimento consciente de práticas formativas que consigam articular, de modo orgânico, teoria e prática no interior das lutas sociais.

6. REFERENCIAS

KRUPSKAIA, Nadejda. Lênin, Propagandista e Agitador. *In*: UNIÃO DA JUVENTUDE REBELIÃO (Org.). **Cadernos de Formação Marxista**. Recife, PE: Centro Cultural Manoel Lisboa, 2024. p. 201-221.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O que fazer?** Questões candentes do nosso movimento. Tradução Edições Avante!; Revisão de tradução Paula Vaz de Almeida. São Paulo: Boitempo, 2020.

SAVIANI, Dermeval. A Pedagogia Histórico-Crítica na Educação do Campo. *In*: BASSO, Jaqueline Daniela; NETO, José Leite dos Santos; BEZERRA, Maria Cristina dos Santos (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e educação no campo**: história, desafios e perspectivas atuais. São Carlos: Pedro & João Editores e Navegando, 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 45. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 13. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

